



## MEMÓRIA E CRISTALIZAÇÃO DOS SENTIDOS: JOSÉ ROBERTO ARRUDA EM 2001 E 2009

*Douglas Zampar<sup>1</sup>; Maria Célia Cortez Passetti<sup>2</sup>*

**Resumo:** No final de 2009 a mídia brasileira noticiou um escândalo político conhecido, principalmente, como mensalão do DEM. O uso do termo mensalão indica a presença da memória de outro escândalo, o mensalão do PT, na produção de sentidos. A partir dessa observação, iniciamos uma pesquisa que problematiza a forma como a memória discursiva participa da produção de efeitos de sentidos na cobertura de um acontecimento político. Retomamos, nesse recorte, a memória da quebra do sigilo do painel de votação do senado, ocorrido em 2001, envolvendo José Arruda, principal envolvido no mensalão do DEM. Temos como objetivo compreender como os sentidos produzidos em torno de Arruda em 2009 se constituem por meio da filiação a redes de sentidos que se formam a partir do escândalo de 2001. Para tanto, trabalhamos com um *corpus* constituído de textos publicados no jornal Folha de São Paulo. Nossas análises mostram que a memória, por meio da paráfrase, promoveu a cristalização dos sentidos produzidos em torno da desfiliação de Arruda do DEM.

**Palavras Chave:** Cristalização de sentidos; Memória Discursiva, Mensalão do DEM, Paráfrase.

### 1 INTRODUÇÃO

O termo “mensalão do DEM” surge na mídia no final de 2009 para designar um escândalo de corrupção envolvendo o então governador do Distrito Federal (DF) José Roberto Arruda (eleito pelo Democratas [DEM], desfilou-se do partido para evitar expulsão). A operação que revelou o esquema foi iniciada pelas denúncias de Durval Barbosa, ex-secretário das relações institucionais do governo Arruda, feitas num sistema de delação premiada, no qual informações importantes são trocadas por redução de pena em caso de condenação nos processos aos quais o delator responde. As investigações correram em sigilo até que o vazamento de informações adiantou para o dia 27 de novembro de 2009 a realização de 16 mandatos de busca e apreensão em casas e gabinetes de secretários do governo e em um anexo da residência oficial do governador.

Alguns vídeos gravados de forma ilegal e outros com mandado e sob supervisão da Polícia Federal (PF) sustentam as denúncias de Durval Barbosa. As imagens foram disponibilizadas para a mídia pela PF e passaram a circular, sendo exibidas em

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – Paraná. Bolsista PIBIC/CNPq-FA-UEM. [douglaszampar@gmail.com](mailto:douglaszampar@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora, Professora Doutora do Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

telejornais e disponibilizadas em diversos sites. Essa produção midiática chamou a atenção dos pesquisadores por retomar e resignificar a memória de outro escândalo: o “mensalão do PT”, descoberto em 2005. A partir das inquietações surgidas, propusemos um projeto de pesquisa, do qual este estudo faz parte, que tem como objetivo compreender, a partir da construção de um dispositivo teórico analítico sustentado na Análise de Discurso (AD), como a memória de outros escândalos participa da produção de sentidos do “mensalão do DEM”. Para nosso *corpus* elegemos o jornal Folha de São Paulo, por sua expressividade no cenário nacional, e recortamos trinta dias da publicação, de 28 de novembro, primeiro dia em que o escândalo é mencionado, à 28 de dezembro de 2009.

Trazemos, neste recorte, o estudo da memória de um escândalo ocorrido em 2001, envolvendo José Roberto Arruda, então senador pelo PSDB. A cassação do ex-senador Luís Estevão fora votada no senado por meio do voto sigiloso e Arruda foi acusado de conseguir a lista da votação contendo o nome de todos os senadores e seus respectivos votos. Em abril de 2001 Arruda se desfilou do PSDB e, em maio, renunciou ao cargo, assumindo que de fato havia recebido a lista e tomado conhecimento dos votos dos senadores. Temos como objetivo entender como a memória da quebra do sigilo de votação no senado atua na produção de sentidos para José Roberto Arruda e seu envolvimento no “mensalão do DEM”, sustentando a possibilidade dos dizeres por meio de filiações a redes de sentido e cristalizando determinados sentidos para Arruda.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho com AD propõe questionar as formas pelas quais a língua significa. É preciso buscar no texto a sua discursividade, ou seja, sua inscrição histórica, suas filiações ao interdiscurso. Para que o sentido seja possível é preciso que exista uma memória discursiva, uma memória construída por dizeres e silêncios outros que são ativados no e pelo dizer. Pêcheux (2007 p. 52) define a memória discursiva nos seguintes termos:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua própria leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Para a AD, portanto, os sentidos do texto não estão presos aos enunciados, eles se constituem por meio das filiações ao interdiscurso, de modo que outros dizeres são ideologicamente presentificados (Pêcheux, 1988). O texto, conforme afirma Orlandi (2001), significa pelo seu entorno, por tudo aquilo que, embora não se faça visível na superfície textual, é necessário para que o texto signifique e seja passível de interpretação. O funcionamento da memória discursiva é fundamental no discurso. Cabe ao analista, a partir de seu dispositivo teórico analítico, buscar restabelecer as referências presentes em um texto, reconstruir os deslizamentos de sentidos que ressoam nos enunciados, fazer vir a tona as memórias que operam em um texto. Ao mostrar como os sentidos e os sujeitos se produzem a partir do estabelecimento de uma complexa rede de filiações a ditos e não ditos outros, filiações essas que atestam o caráter material do sentido e do discurso ao estabelecerem as conexões entre o dizível e a história, mostra-se o processo de constituição do sujeito e dos sentidos. O trabalho com a memória exige do analista, portanto, um trabalho que visa atravessar a superfície textual, desfazer as evidências, e lançar luz às redes de significações que permitem a interpretação.

Uma das formas pelas quais as redes de sentido se constituem é a paráfrase. Segundo Orlandi (2001), a paráfrase e a polissemia são constitutivas das redes que possibilitam o sentido aos enunciados. A autora destaca que a paráfrase é responsável pela manutenção dos sentidos, é por meio dela que um mesmo sentido pode permanecer atrelado a um mesmo enunciado em diversas enunciações. Destacamos, ainda, que o que produz sentido são as regularidades que organizam as paráfrases, direcionando as redes de sentido e sua filiação ideológica a determinada FD.

Pêcheux (2008) estabelece como espaço de atuação da AD o lugar no qual os enunciados são vistos como tendo pontos de deriva: “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.” (Pêcheux, 2008, p. 53). Diante de um objeto simbólico, o sujeito é levado a interpretar, e para tanto, mobilizará redes de sentido nas quais, os sentidos são ideologicamente e inconscientemente produzidos. Pela relação de um enunciado com outros passados, já integrantes do interdiscurso, e pela abertura desse enunciado a outros futuros é que se atribuem os sentidos.

É também da ordem da memória instituir determinadas interpretações em detrimento de outras. Assim, conforme destaca Mariani (1998), as relações de forças sociais podem fazer com que um sentido permaneça como interpretação para determinado acontecimento, enquanto outros sentidos possíveis serão levados ao esquecimento. Esses sentidos esquecidos podem, entretanto, retornar, fazendo as redes de sentido se modificarem e permitindo que diferentes interpretações sejam lançadas a um mesmo acontecimento. Assim, “para não entrar no efeito de evidência e completude produzidos pela memória [...], não podemos descartar a possibilidade de que é possível ler diferentemente história e sentido” (Mariani, 1998, p. 37).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Centraremos nossas análises em uma rede de sentidos que se forma em torno da memória da quebra do sigilo do painel do Senado em 2001. Apresentamos abaixo algumas das sequências discursivas que materializam essa rede de sentidos no jornal Folha de São Paulo. Analisaremos como o jornal constrói para Arruda a imagem de um político que se comporta ciclicamente, e, mais a fundo, uma das fases do ciclo de Arruda: a desfiliação.

(1) “... José Roberto Arruda, renunciou ao cargo no Senado para depois chegar ao governo.”<sup>3</sup>

(2) “Era líder do governo no Senado quando, em 2001, foi flagrado violando o painel de votação e renunciou para não ser cassado. Arruda transformou seu recuo tático numa pantomima de arrependimento e autoflagelo.”<sup>4</sup>

(3) “Pressionado pelo partido, Arruda constrói uma estratégia para se manter no cargo, conservando, assim, o foro privilegiado para ser investigado. No entanto, ele disse a interlocutores que não descarta renunciar caso a situação se agrave. Envolvido no escândalo de quebra do sigilo do painel do Senado em 2001, Arruda renunciou ao mandato.”<sup>5</sup>

<sup>3</sup> RODRIGUES, Fernando. Brasília, Brasil. *Folha de São Paulo*, 28 nov. de 2009. Brasil, p. A2.

<sup>4</sup> SILVA, Fernando de Barros e. Faroeste caboclo. *Folha de São Paulo*, 30 nov. de 2009. Brasil, p. A2.

<sup>5</sup> GUERREIRO, Gabriela e ODILLA Fernanda. DEM pode expulsar Arruda para evitar dano. *Folha de São Paulo*, 30 nov. de 2009. Brasil, p. A6.

(4) “Acusado de participar de violação do sigilo de votos no Senado, começou negando tudo e terminou por renunciar ao mandato, para escapar de cassação.”<sup>6</sup>

(5) “[...] Arruda pode se antecipar à possível expulsão e se desfiliar, repetindo gesto que fez em 2001[...].”<sup>7</sup>

(6) “É sempre a mesma história. Apanhado, o magano chantageia seus pares ameaçando contar o que sabe. O tempo passa, ele mede as consequências, sai de fininho, e restabelece-se a paz no andar de cima.”<sup>8</sup>

(7) “[...] o governador José Roberto Arruda se desfilia do DEM na véspera de ser expulso e por puro cálculo político. Em vez de mea culpa, trata-se de uma nítida tentativa de evitar a expulsão e de manter-se vivo no governo agora e na política depois.”<sup>9</sup>

As sequências 1-4 apresentam diferentes descrições das ações de Arruda quando seu envolvimento na quebra do sigilo do painel foi trazido à tona. As sequências discursivas parafrásticas indicam a construção de um ciclo, o qual aparece espetacularizado em um infográfico intitulado “comportamento cíclico” publicado no dia 11 de dezembro: Arruda estava no poder, foi flagrado em atividades ilícitas, se desfilou do partido e, em outro partido, retornou ao poder. Essas sequências discursivas são a materialização de parte de uma rede de sentidos sustentada pela memória do acontecimento político em 2001. Não se trata, entretanto, de apenas retomar uma memória e trazê-la à tona, trata-se, antes, de cristalizar para essa memória um sentido e não outros. A constante repetição do ciclo de Arruda faz com que o sentido do comportamento cíclico se torne evidente para a caracterização do político. Além disso, percebemos em 5 que, a partir dessa evidência, é possível produzir sentidos supondo que Arruda repita seu comportamento no novo acontecimento político. Em 6, *é sempre a mesma história* constitui um ponto de deriva e permite interpretar tanto o acontecimento político de 2001 quanto o de 2009, de forma que a memória atua sustentando uma generalização e permitindo que o enunciado signifique dois acontecimentos políticos distintos e até mesmo uma generalização para a política em geral.

Quando a desfiliação de Arruda do DEM é noticiada em 7, percebemos que, de acordo com a Folha, mais uma das fases do comportamento cíclico de Arruda se confirma no novo escândalo, reforçando ainda uma vez mais o sentido do ciclo.

Além do ciclo em si, os enunciados acima são representativos da forma como o jornal constrói para Arruda a imagem de um político que age não pautado pelos interesses dos que representa, mas por interesses próprios, para permanecer no poder. Para a produção/cristalização desse sentido o jornal faz falarem redes constituídas no interior do movimento cíclico que apresentamos acima, produzindo sentidos em torno da *desfiliação* por meio da resignificação da memória da quebra de sigilo.

Se desfiliar do PSDB em 2001 é caracterizado pelo jornal em 2 como *recuo tático, pantomima*. O uso desses adjetivos constrói para a desfiliação o sentido de uma manobra operada por Arruda que permitiu a ele o retorno ao poder se elegendo, pelo DEM, deputado e depois governador do DF. Em 1 o jornal materializa para a desfiliação o sentido de um ato que tem um objetivo político, uma vez que Arruda “*renunciou ao cargo no Senado para depois chegar ao governo*”, sendo que em *para* o sentido de *com o objetivo de* se cristaliza.

<sup>6</sup> O MENSALÃO do DEM. *Folha de São Paulo*, 01 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

<sup>7</sup> BRAGON, Ranier. Dividido, DEM decide hoje sobre expulsão. *Folha de São Paulo*, 01 dez. de 2009. Brasil, p. A7.

<sup>8</sup> GASPARI, Elio. Ah, se meu panetone falasse... *Folha de São Paulo*, 02 dez. de 2009. Brasil, p. A6.

<sup>9</sup> CANTANHÊDE, Elaine. Dia de cão. *Folha de São Paulo*, 11 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

A desfiliação do DEM em 2009 é caracterizada como 3 *estratégia* e 7 *cálculo político*. Percebemos a repetição do sentido de um ato que não constitui uma *mea culpa* (7), pois o jornal constrói para a desfiliação o sentido de ato político, trata-se novamente de se desfiliar com o objetivo de se manter na política. Importa destacar que esse sentido se constrói no interior do ciclo, e que os adjetivos *estratégica*, *cálculo*, *tático* e *pantomima* além de outros dispersos nos textos do jornal, caracterizando tanto o escândalo de 2001 quanto o de 2009, constituem uma família parafrástica, de forma tal que na desfiliação de 2009 fala um sentido constituído historicamente, que se produz pela filiação a redes de sentidos constituídas a partir de 2001, e que não se trata apenas de cristalizar o sentido de que Arruda está se desfiliando para tentar se salvar politicamente, mas que ele está fazendo isso novamente, está *repetindo o gesto que fez em 2001* (5).

#### 4 CONCLUSÃO

A memória discursiva atua nos enunciados conferindo historicidade às palavras. O comportamento cíclico de Arruda é construído com base em uma memória discursiva, em redes de sentidos que são movimentadas e às quais os enunciados se filiam. Em *cálculo político*, *recuo tático* e *estratégia* percebemos o jornal construindo para Arruda a imagem do político que não age pelo povo, e transforma essa característica em uma memória para ser sempre associada a Arruda. A repetição do ciclo de Arruda e dos sentidos produzidos em torno da desfiliação promove a cristalização desses sentidos, não se trata apenas de um sentido possível para Arruda, mas de um dos sentidos recorrente para caracterizar o político. Trata-se, assim, de um movimento que, além de construir sentidos, faz, a partir da memória, com que esse sentido possível se torne, no plano das evidências, um sentido verdadeiro e sempre presente. Trata-se do processo social que comentamos anteriormente citando Mariani (1998), processo que é responsável pela manutenção de um sentido como único e verdadeiro.

#### REFERÊNCIAS:

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. **Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In.: ACHARD, Pierre. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes Editore, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.